

A Folha d'Ovar

FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Toda de réis accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Anunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Anuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 20 d'abril

O assumpto que mais nos prende a attenção, é, como temos dito, o que se liga aos interesses da nossa terra e aos seus melhoramentos indispensaveis.

Desprezaremos o methodo de Jeremias e trocaremos portanto as lamentações pela critica severa e pela exposição franca e leal dos factos que se desenrolam á vista de todos.

Fallamos ha tempo sobre o estado deploravel das estradas d'esta villa, e salpicamos a nossa queixa de bom humor, rindo de vez em quando até, mas todos sabem que muitas vezes o bom humor e o riso são a amargura disfarçada, são o desespero reprimido.

O desespero... não o sentimos, simplesmente porque a responsabilidade não é nossa; porém a amargura, sentimol-a e sentimol-a devéras.

Os governos são o que se

tem visto — perfeitos diplomatas que tratam de cumprimentos e não de cumprimentos...

E' verdade que n'elles teem entrado homens de muito tino e bom senso, mas mais verdade é que todos esses homens teem visto, mau grado seu, resvalar na valla do esquecimento os seus projectos alevantados e nobres.

Seria muito mais proprio, mesmo mais natural chamar aos governos desgovernos, visto que elles desgovernam o que ainda estava governado. A vida nova é tal qual a *moda nova*—volta á antiga e a economia é um termo ironico—sinapismo cheirando a mófo, que produz effeito retroactivo.

Por mais que se queira dar á tela uma nova côr, é tempo perdido: a tinta estala e apparece de novo o desenho primitivo.

Mas... deixemos esses cumprimentos e vamos aos cumprimentos.

Os ex.^{mos} ministros, recostados nas suas fôfas cadeiras,

analysarão minuciosamente os arrebiques do estuque da casa do parlamento ou dos seus luxuosos gabinetes, mas nunca lançarão um olhar compassivo e reparador para os negocios que mais urgem ao bem estar do paiz e que lhes dizem respeito. E os ex.^{mos} ministros nunca deviam ser tão... faceis em deixar correr á revelia o que haviam de tratar com o maximo zelo e com o maximo interesse.

Cada um tem a seu cargo uma pasta e cada pasta representa uma missão espinhosa e difficil de cumprir.

Porém, tem-se notado que os ex.^{mos} ministros mandam *pastar* as suas pastas e continuam analysando minuciosamente os arrebiques do estuque da casa do parlamento, ou dos seus luxuosos gabinetes...

E' que na *aldeia* não se fazem sentir as influencias dos ex.^{mos} ministros. A côrte prende as suas attensões, a côrte é o seu ideal.

Comtudo, nós protestamos energicamente contra essa

preferencia, que nos offende, que nos rebaixa!

Para que o povo alimente o thesouro, é preciso que tenha algumas garantias. E com mil difficuldades para elle, o desgraçado, que lucha prover á fome e ao frio de seus filhos, e que ainda em cima se vê sobrecarregado de peizadas contribuições, é totalmente esquecido e desprezado!

Não pôde ser!

Em nosso nome, em nome do povo ultrajado, appellamos para o ex.^{mo} ministro das obras publicas, para que dê, e quanto antes, as necessarias providencias á nossa queixa.

Queixamo-nos do estado deploravel das nossas estradas, que chegaram ao ultimo gráu de miseria! Parece impossivel que em Ovar, uma villa já bastante adeantada, haja coragem sufficiente para supportar-se em silencio um desleixo d'esta ordem!

Embora! não o supportaremos nós e não cessaremos de clamar:

Providencias! Providencias!

LITTERATURA

Nem só de pão...

(Conclusão)

—Então? tornou o conde.
—Nada d'isso queria; desejava que v. ex.^a me mandasse educar.

O pae deu um salto na cadeira; suspendeu um copo que levava á bocca e, pousando-o, disse com modo aspero:

—Educar?! O que quer isso dizer? Essas palavras são uma censura a seu pae? Que ousadia é essa? Falta-lhe alguma cousa? Não possui tudo o que torna um fidalgo distincto na sociedade? Falta-lhe dinheiro para poder acompanhar os mais abastados do seu egual?

O filho esteve para perder o animo, mas por um esforço violento continuou:

—Nada d'isso me falta, graças ao amor e generosidade de v. ex.^a Mas, se entre os meus eguaes sou o que mais abro a bolsa, sou tambem entre alguns d'elles e dos meus inferiores pela posição o que mais fecho a bocca. E' certo que sei a equitação, a esgrima e outras prendas; mas desconheço a sciencia. E, quando todos discutem e dão as suas opiniões sobre as modernas conquistas da intelligencia humana, eu fico mudo, sem os perceber, como um cego no meio de um labyrintho.

(5) FOLHETIM DA FOLHA D'OVAR

O PADRE CURA

(Continuação)

Porque é que o bronze sôa além, no campanario,
D'um modo atarrador, d'um modo funerario?
Morreu alguém na aldeia. Ai! quem será o pobre
Por quem atrôa o ar o funerario dobre?
Quem é que descera em breve á sepultura?

Meu Deus! Será possivel!... Elle... o padre cura?...

E' elle, sim, é elle! A aldeia chora em massa
A morte do seu cura—excepcional desgraça!
E já de bocca em bocca a nova vae correndo
E a magoa pela aldeia a eito vae crescendo.
«Morreu o padre cura!» eis como o povo exclama
De angustia repassado e lagrimas derrama
Gemente e soluçante!... Então, no mesmo dia
Começa a segredar-se em toda a freguezia:
«Morreu um homem justo, um escolhido, um santo!...»
E o povo embrutecido orvalha-o com seu pranto!...

As coisas n'esta vida hão de ser sempre assim...
O cardo vive e cresce e... esmaga-se o jasmim...

Morreu o padre cura! E quem não sabe agora
Porque é que n'este mundo o padre já não mora?
Póde ignoral-o só a candida creança
Que desconhece ainda o gosto da vingança,
Que não sentiu a dôr nascida do ciúme
E para a qual a vida é mystico perfume!...
Só essa e mais ninguém!...

Quem é que se esqueceu
Do amante atraçoado, o amante que perdeu
A fresca moreninha, o seu amor constante?

Pois elle, o marinheiro, o Hercules possante
Cumpriu como dissera o grande juramento
Imposto pela honra ao nobre sentimento!...

A noite era formosa: a lua tentadora
Tombava sobre a terra a fronte seductora!...
Que noite de poesia... noite de luar!...

Quem é que vae além sósinho a caminhar
A' meia noite morta pela minha aldeia
Eu vi, eu vi quem era! A branca lua cheia
Deixou cahir um raio sobre o caminhante
E foi então que eu vi, Jesus! no mesmo instante
O forte marinheiro, o pobre deshonorado
A' pressa caminhando, o rosto afogueado!

Silvestre Ameno.

—Ah! tornou o conde com ironia, julga então que para se ser alguma cousa é preciso saber falar sobre essas theorias modernas, absurdas na maior parte, com que teem transtornado a cabeça da mocidade? Gabo-lhe o gosto.

—Não, meu pae, eu não quero aprender isso; quero aprender o que ha de bom. Nas sciencias, que desconheço, ha muita cousa util para o futuro, e de que não posso lançar mão.

O conde enfureceu-se e gritou: —Quer então dizer que eu preparo um mau futuro a meu filho, e isto porque elle não faz de pagaio, citando os exaggeros de uma falsa sciencia, que uma escóla apregôa e a mocidade incauta repete?

—Se eu imaginasse, retorquiu o filho placidamente, que causava a v. ex.^a o menor incommodo, nunca teria fallado e soffreria em silencio o desgosto que sinto.

O pae quebrou logo.

—Não, não, diga.

—V. ex.^a sabe que uma cousa são essas aberrações do bom senso e outra a sciencia, que educa o espirito e o prepara para os combates da vida.

O conde calou-se e não proferiu mais palavra; mas via-se que o furor se apoderava do seu espirito. Ao jantar não compareceu; mandou prevenir o filho de que jantava fóra. Mas á noute não faltou ao jogo, como sempre; sómente notaram os amigos que estava pensativo.

—Conde, disse um, quer alguma cousa para Pariz?

—Vae por muito tempo, marquez?

—Não, vou ver o meu filho que lá está a educar.

—Ah! respondeu amargamente, boa viagem.

E o rosto contrahiu-se-lhe mais. Algum tempo depois, o visconde de *** disse-lhe:

—Tive uma carta de Londres, de meu filho Jayme, que lá está no collegio; manda um abraço a seu filho.

—Obrigado.

E o conde ficou mais pensativo. Tudo n'aquelle dia se conspirava contra elle. Jogou distrahadamente e retirou-se mais cedo, o que espantou a todos. Ao outro dia, ao almoço, o filho, que o não sentira cantarolar, appareceu-lhe com timidez; encontrou-o, porém, risonho. Almoçaram, fallando de cousas indifferentes. Ao levantarem-se, o conde pôz affectuosamente a mão no hombro do filho e disse-lhe:

—Olha, gostei hontem de te ouvir; és uma creança com o pensar de um homem; podes ir longe se tiveres juizo. Faz os teus preparativos, porque, dentro de oito dias vamos a Pariz; lá ficarás até te doutoares no que mais fór do teu gosto.

O filho sentio humedecerem-se-lhe os olhos e pegou-lhe na mão para lh'a beijar. O pae continuou:

—As escólas do nosso paiz são boas, mas a carreira é muito longa.

E sahiu da sala porque sentia a voz embargada pela commoção. O filho ficou louco de alegria.

Partiram; o conde só regressou passados alguns mezes, depois de ver como o filho estava e seguia o estudo. E, querem saber? nunca mais jogou. Lembrava-se do filho, do seu pensar aos dezeseis annos, emquanto elle, um homem de mais de quarenta, se deixava dominar por uma paixão, um terrível vicio. Começou a affastar-se de todos; vae muitas vezes a Pariz e tem o prazer de ver os progressos do filho, muito considerado na escóla de medicina.

Uma vez perguntou-lhe:

—Ainda não estás arrependido

de trocar a liberdade pela prisão do estudo? Tu não precisavas d'isto para viver. E's rico...

—E' verdade, cortou o filho, mas v. ex.^a bem sabe que nem só de pão vive o homem.

Margarida.

O PEQUENO HEROE

(A. B. DUARTE)

Na aldeia, a vida é santa porque, aqui, o pensar é crêr e o amar um sentimento puro; é risonha como o despontar da aurora porque está longe da intriga villã, da petulancia e do egoismo da cidade.

Geralmente o aldeão não é fundo em conhecimentos mas, em compensação, conserva a pureza de sentimentos; e por isso é naturalmente bom, esmoler, franco e obsequioso em extremo. Nunca foi negada por elle a um pobre a esmola que é sempre dada com pureza de motivos; nunca a porta de sua casa deixou de estar aberta a qualquer seu conhecido que é sempre recebido com um sorriso espontaneo.

Na aldeia, a vida é absolutamente real porque está isenta dos mysterios e das phantasias; os proprios sonhos são a realidade se o sonhar é viver. Aqui, tudo é natural desde o trinado do passaro até ao aroma da flor.

Tudo emfim é modesto desde a violeta que, ás occultas, exhala um aroma delicioso até ao bom do aldeão que, dando a esmola, não tem em vista comprar algum bocado de Céu ou ostentar vaidade.

Arthur era filho d'um bom aldeão que, graças ás suas fadigas na lavoura e ás suas economias nos usos domesticos, pôde arranjar um bom pé de meia que conservava ao fundo da caixa para que, em casos de doença grave, não lhe faltasse em casa os caldos de galinha nem o medico á cabeceira.

Ainda creança, a par da ingenuidade, da simplicidade, Arthur já mostrava traços de intelligencia e rasgos de coragem; a intelligencia do rapazinho não passou despercebida ao reitor da freguezia, porque d'ahi a pouco já elle andava ás voltas com o alphabeto e com a taboada. D'aqui passou ao cathecismo e a fazer algumas contas. Ao fim d'um anno já lia e contava rasoavelmente.

Como todo o padre, o reitor tinha o seu *fraco* pelo latim e por isso estudado o cathecismo, eis Arthur na lingua de Virgilio e Horacio. Porém a sciencia de *hic, haec, hoc* e do *laudo, laudas, laudare*, era para elle impenetravel como um dogma, porque esfolheou o enormissimo dicionario latino e sobrecarregar a memoria com tanta quantidade de significados é, sem duvida, um dos maiores sacrificios.

Além d'isso na sua idade e nas suas condições, toda a attenção converge para as brincadeiras.

Arthur, com bem pezar do reitor, era propenso para a garotice:—deitava a sua estrella, o seu papagaio, jogava muito rasoavelmente o seu pião, atirava a sua pedrada, etc; era o prototypo da garotice. O pae não via com bons olhos esta propensão.

Arthur estava já um rapazola e era preciso começar a atirar-se com seriedade ao trabalho porque todos nós, depois da culpa de nossos primeiros paes, estamos condemnados á *lucta pela vida, pela existencia*.

O pae conhecendo que a folga distrahia muitissimo o rapaz, fallou com o reitor a fim de se lhe dar um outro *modus vivendi* que quadrando com o seu genio, de qualquer fórma o moderasse.

Accordaram em o metter no exercito e por isso na primeira occasião, eis o nosso Arthur com um fardamento que fez a admiracão de toda a aldeia.

Começou, na milicia, desde logo a dar provas de bom *sensu commum*, de modestia e da pureza dos seus sentimentos; por isso era sempre respeitado por todos.

Atraz do respeito geral, veio a estima dos seus superiores e d'ahi a pouco tempo a sua *remoção a cabo* que veio comprovar que os esforços do reitor não foram baldados, que o lèr e o contar valem muito para um soldado.

A aspiração a posição melhor é uma lei de toda a humanidade, por isso Arthur, uma vez cabo, aspirou logo á posição immediata pedindo a transferencia para o batalhão de Africa.

Ao passo que decorria o tempo, ia apparecendo n'elle aquelle sentimento que é o *amor pela patria*.

Tinham-se revoltado, contra o dominio portuguez, os pretos d'uns territorios da provincia d'Angola. Preparou-se logo, o mais breve possivel, um pequeno troço de soldados para castigar os rebeldes. Quando os nossos soldados avançavam desprevenidos, acharam-se cercados por centenaes de pretos que, escondidos em covas, os assaltaram repentinamente.

Trava-se uma lucta terrível de parte a parte: se por o nosso lado estava a disciplina e a superioridade das armas, por o lado dos indigenas estava o maior numero de combatentes, excitados pelo desejo da manutenção da sua autonomia. A disciplina e a superioridade cederam ao maior numero e os nossos soldados foram destroçados e quasi todos mortos.

Arthur durante a refrega, portou-se como um leão; a mesma bravura parecia desviar-lhe a morte.

Pouco depois de estar livre com meia duzia dos seus companheiros que puderam tambem escapar á carnificina, vendo que um seu official estava prestes a ser victimado por um preto, corre para elle e despresando de novo a vida, pôde com bastante difficuldade trespassar o preto, libertando o seu superior.

E como lhe pagou a patria?... Com um simples elogio, como se hoje se vivesse de elogios.

Nem admira isto, porque Portugal obra assim já desde ha muito.

As boas recompensas são para aquelles que, em lucta d'irmãos, dizem defender um throno quasi decrepito.

A decadencia e a desmoralisação, tem já quasi corroido este reino que se vê a braços com os credores.

Arthur, o pequeno heroe, teve uma grande recompensa—os cumprimentos de todos os seus conterraneos, e um abraço dos verdadeiros patriotas.

João Transmontano.

Um sermão n'aldeia

Eis-me de volta d'uma digressão pela provincia, carissimos leitores da *Folha d'Ovar*, digressão

a que me arrastára o bom vento da quaresma, e por isso não faltarei a dizer-lhes que gosei tão tranquillamente e sanctamente quanto pude, não das fogaças sertanejas em que se vêem as aldeãs saltarem nas danças caprichosas, não do spectaculo surpreendente das searas e prados, pelas franças dos quaes o vento se escôa docemente e preguiçoso, nem na contemplação das dobras d'agua dos rios, que o sópro das tardes lhes levanta, mansinhas e gemedoras; mas sim dos deveres da occasião, confissões e sermões, a que tudo alli corre, sem distincção de classes, sexos, ou idades.

Um sermão especialmente absorveu-me todo inteiro, e deixar-me-ia cair de dôr e cansado, como o rouxinol de Bernardim Ribeiro, se não fóra o seu fim, rapido bastante, para me livrar do estontamento que pouco e pouco de mim se ia apoderando.

A scena passa-se em Anrede, freguezia da comarca de ***; assente na margem esquerda do Douro caudaloso, a distancia, pouco mais de meia legua, d'uma estacção do caminho de ferro. A côr local não é das melhores, mas tenham paciencia.

*** ha uns annos a esta parte, é, na totalidade da gente miuda, beata por excellencia e fanatica por ignorancia.

Notem bem, que eu fallo assim, e peço conservem até fim esta observação, porque o tempo santo já lá vae.

Na igreja parochial havia sermão. O povo, accorreu alli, endomingado e festivo, e das freguezias mais proximas até, porque, dizia-se, era já outro o pregador e tinha arranjado um *paço*, ao que o primeiro não quiz prestar-se.

Paço, meus carissimos leitores, é um tablado levantado a meio metro acima do chão do templo, em que ha, encoberta com umas cortinas, uma das scenas da paixão de Christo, e na qual o pregador funda a sua esperanza para, finalizando o sermão, fazer correr as lagrimas, despedir gritos lancinantes e promover *chêriques*.

Entrei. O *paço* attrahia-me; e demais tinha ouvido dizer que n'elle appareciam... maravilhas.

Boatos, ditos do povo; pensava eu...

Achei-me, arrastado pela multidão *pêl-mêde*, que se acotovelava dentro do templo, rodeado d'uma magna caterva de frescas aldeãs, mui proximo ao *paço*.

(Continúa.)

NOTICIARIO

Theatro

Foi no domingo passado que, como noticiamos, se realisou no theatro d'esta villa o spectaculo d'amadores.

No nosso espirito, ao noticiarmos o dia em que a récita devia ter logar, não passou a mais leve sombra de vacillação sobre o bom desempenho, desempenho cabal, é claro, por amadores. Ainda assim, fitamos o alvo do *engano* que, d'esta vez, não nos surpreendeu. Mas vamos ao spectaculo. Subiu á scena primeiramente a comedia em 3 actos «O homem politico». A missão dos amadores foi cumprida de modo a ficar na mente de todos os espectadores um agrado, mas um agrado justo. Dr. Sobreira, no seu violentissimo papel de centro — um velho com pretensões a ser deputado,—foi d'um humor sem igual. Conservando-se sempre em scena, afóra duas nos tres actos, nunca esfriou. O seu papel, se bem que difficil para um amator, talvez mesmo para um artista, foi de-

sempenhado de fórma tal que exigir se mais seria loucura do espectador.

Sem o minimo desprestigiamento aos demais amadores, podemos dizel-o francamente intemeratos n'este ponto á critica, que dr. Sobreira foi o *bijou* da noite de Paschoa no theatro.

Dr. Lopes, um intrujão reconhecido, *chupante* do amigo que possui fortuna, sustentou-se muito bem: com o sorriso falso de que se serve quem pretende o serviço, a vantagem ou qualquer coisa emfim d'outrem, com aquellas maneiras que attrahem, que encantam o ouvinte prestes a ser innocentemente e de boa fé *explorado*. Dr. Lopes foi d'uma naturalidade admiravel na sua expressão e d'um sangue frio que em todas as vezes alli o acompanhava. Tirando-lhe o officio provisório que teve por horas n'aquelle noite, era o verdadeiro dr. Lopes na rua: o mesmo rir, a mesma entoação na pronúncia, os mesmos modos emfim...

Escrivão Coelho provocou gargalhada não só pela *verbe* do seu papel como tambem pela casaca anti-diluviana que vestia, muito comprida, muito desproporcionada ao corpo.

D. Dores Brea é a 2.^a vez que representa no nosso theatro. Provou pela primeira dotes d'uma artista rasoavel. No domingo desempenhou tambem um papel de esposa velha, papel em que não podia sobressahir, mas em que andou bem... á excepção d'uns pequenos exaggeros no 2.^o acto, que eram indispensaveis, que passaram despercebidos, mas que não fizeram desmerecer a artista.

Poderíamos supprimir estas ultimas linhas; porém, como queremos a imparcialidade em tudo...

Dr. Amaral, um jornalista recto que não vendia a consciencia (o que agora se faz por esse Portugal fóra!), regularmente. E' esta a apreciação justa que se pôde fazer de papeis insignificantes como o do dr. Amaral. Pena foi só que fallas se tão baixo!

Terminada a comedia, foram os amadores chamados ao proscenio, e feita em seguida uma chamada especial ao dr. Sobreira, que foi victoriado entusiasticamente.

Seguiu-se a comedia em um acto, a ultima, «Dois casamentos á pressa». Dr. Lopes fez-nos rir a bom rir de principio até final no seu papel de galá.

Escrivão Ferraz, que pela 1.^a vez vimos no palco, tendo a seu cargo o desempenho d'um papel comico, portou-se de modo tal que devéras nos fez admirar. Apresentou-se em scena divinamente caracterizado de velho, a *chorami-gar*...; não foi nada, foi rir até doer a barriga. Dito isto, está dito tudo.

D. Dores Brea, dr. Amaral, escrivão Coelho e F. Marques, muito bem.

Foi uma noite cheia, que tarde teremos outra igual. Os applausos não foram regateados áquella *troupe* distincta, applausos de que deve ter meio quinhão o distincto ensaiador, rev. padre Marques.

Apreciamos, como soubemos e como sentimos, os amadores e não os homens. O que escrevemos não foram encomios, foi fazer justiça; ora como existe milhares e milhares de juizes como nós e mais auctorisados do que nós, deixamos a sentença ao seu alvedrio. Isto não é referente a ninguem, longe d'isso. Queremos dizer que cada um pensa e sente a seu modo.

Na segunda-feira seguinte, ás 3 horas da tarde, seguiram para a Villa da Feira, acompanhados da philharmonica «Ovarense» e muita rapaziada.

A Semana Santa

Os mesarios d'esta irmandade encontraram este anno o *philoxera* nos bolsos dos irmãos: não conseguiram o sufficiente numero de notas para fazerem a semana santa completa este anno. Foi pena.

Por isso, tiveram os avarenses de se contentarem com as procissões de quinta-feira e sexta-feira santa, *lava-pedes* na quinta-feira e 4 sermões, sendo dois nas tardes de cada um d'estes dias. Ao menos valha-nos isso. No côro da Igreja ouvimos pela primeira vez a phylharmonica de S. João da Madeira que nos pareceu ser muito boa. Rogada para este fim pelo sr. Antonio Maria Valseiro, digno regente da phylharmonica «Ovarense», que não fez os affazeres da semana santa em Ovar, por ter sido rogado para Vallega primeiramente. A musica estranha agradou-nos, agradeu a todos, tanto como orchestra, como musica de rua.

Esta é a nossa opinião, que nos parece sensata, e dizemos isto para desvanecer paixões velhas... Quem quizer que nos compreenda... Porque isto de *paixões*... Não, não vale a pena prolongarmos-nos mais. Terminou a semana da paixão com pouco e com esse pouco não contentamos.—No sabbado seguinte—o da Resurreição—não houve sequer analogia com os outros annos: nem um môno de palha com o nome de Judas, nem nada. *Que frieza* que se apoderou d'Ovar este anno!

O dia de Paschoa

Como nos annos anteriores, fui este dia, dia dos *follores*. Na Igreja houve a festividade do costume: procissão de manhã, ás 10 horas, e em seguida missa, acompanhada que foi pela orchestra do sr. Valseiro, e sermão.

A crise no correio d'Ovar

A crise bateu á porta e entrou pelo correio d'esta villa, varrendo meia duzia de sellos que ainda permanecia nas gavetas da casa «Correio e telegraphos»!

Aonde irá mais a crise, a maldita crise? E' o caso que o director dos sellos está pouco fornecido d'este genero, os indispensaveis que se consomem diariamente n'aquelle estabelecimento

Temos ido algu nas vezes lá e a respeito de sellos temos conversado: se pedimos 100 dizem só haver em *caixa* 50; se pedimos 50 não ha nenhuns!

Ai, que desgraça, Santo Deus! E na recebedoria da comarca ha tantos sellos e de todos os preços... Maldita crise que não tem remorsos, não sente remorsos em atacar o digno director da casa dos sellos *in nomine!*

Providencias, sr. ministro; não se abstraia só com as proximas eleições; lance um olhar de piedade para o correio d'Ovar e castigue, em vez do seu habil e digno director, a crise, a tal crise chronica! Avancamos degraus, sem nos importarmos com o ex.^m director geral dos correios e telegraphos.

Provavelmente era bater em ferro frio. Trabalho baldado, para que? Ao ministro, só ao sr. ministro é que pedimos a devida attenção.

Haver sellos n'uma casa, na Praça d'esta villa, com caixa de correio á porta, e no correio geral não, é forte, muito forte, é triste, muito triste!

Ai, que desgraça, santo Deus!

A subscrição em favor das familias das victimas da Povoá

Foi aberta no nosso jornal uma subscrição cujo producto reverteria em beneficio das victimas de 27 de fevereiro passado. A redacção subscreveu com 2\$500 réis, quantia augmentada com mais 300 réis por um anonymo. E ficou por aqui. No fim do artigo principal da nossa folha, lá veio escripto, por muitas vezes, em letras grandes: «Subscrição em favor das familias das victimas da Povoá do Varzim.—Redacção da Folha d'Ovar, 2\$500 réis». Mas ninguem reparou para isto, ninguem... ninguem, exceptuando um anonymo, só um!

Por isso, vamos entregar os réis 2\$800 ao digno administrador do concelho, afim d'este os enviar ao seu destino

E' ridiculo, é verdadeiramente ridiculo isto em Ovar, em Ovar, que ainda não saldou a divida de gratidão para com a cidade do Porto. Emfim, desculpamos os ovarenses. Elles não teem culpa, elles bem desejavam portar-se como o dever exigia, porém a crise...

Os estudantes em debandada

Para o Porto, para Coimbra, para Lisboa, para Aveiro, lá vão, sabe Deus com que mágoa, agarrarem-se aos livros, os estudantes da nossa terra. Ai, que pena para quem vai e para quem fica! Pobres rapazes! Nós desejamos que no regresso, nas férias grandes, as mais proximas agora, venham acompanhados de approvações nos seus exames. Ovar, nas férias da Paschoa, nunca esteve socogada com estes *moços*. Pois se elles são estudantes... Temos saudades pela sua ausencia; ao mesmo tempo prevenimos os paes de familia que deixem sahir as suas filhas, *solteirinhas* é claro, para a rua, á vontade, porque os *homens* vão-se e só para setembro proximo voltarão. Não tremam, nem paes nem mães. Está esta villa coberta novamente com a capa da paz!

Ainda assim, Deus os mande para aqui, muito felizes: é mais um mez que as *candidas* rôlas d'Ovar estarão na gaiola—no ninho paterno!

Para Aveiro

A fim de fazerem exame de admissão aos lyceus, partiram na segunda-feira passada para a cidade d'Aveiro, o nosso bom amigo Abel de Pinho e mais tres rapazes, sendo um o filho do sr. Antonio Augusto Freire Brandão, nosso velho amigo. Desejamos a todos uma approvação e... nada mais.

Fallecimento

Falleceu no domingo á tarde a sr.^a D. Maria Soares d'Araujo, irmã dos ex.^{mos} srs. Francisco Coelho do Espirito Santo e José Coelho do Espirito Santo, e prima do ex.^m sr. dr. Araujo.

Os nossos pezames.

Doença

Acha-se gravemente enfermo o ex.^m sr. dr. João d'Oliveira Baptista.

Desejamos o seu completo restabelecimento.

Policia civil

Foi rendida no dia 19 a força de policia civil d'Aveiro que se

achava destacada n'esta villa, sob o commando do cabo, sr. Julio Rodrigues, por outra com igual numero de praças.

Partida

Partiu novamente para Coimbra, no dia 18, o ex.^m sr. dr. Anthero Garcia, dig.^{mo} delegado do procurador régio em Alcobaca, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa.

S. ex.^a vae procurar allivio aos seus padecimentos. E' seu medico assistente o abalisado clinico, dr. Daniel de Mattos, lente cathedratco da faculdade de medicina.

Anciosamente esperamos, ver entre nós este nosso illustre patricio, com promptas melhoras.

Oxalá que este nosso afan, puro da mais leve adulação, seja satisfeito com a maior brevidade.

Para a Africa

No dia 17 partiu para a Africa (Loanda) o nosso amigo Manoel Maria Rodrigues Figueiredo.

Sentimos a ausencia d'este rapaz e agouramos-lhes innumeradas felicidades.

Querem carne boa e barata?

Vão á rua da Praça, ao talho de João Antonio Lopes, que lá encontram o que é bom e barato. Os seus freguezes jámais deixarão de occupar o talho de João Lopes.

E' este rapaz e nosso amigo digno de todas as attensões, pela sua delicadeza, nascida da educação que recebeu e conserva.

Ninguem lá faltará, e estamos convencidos de que a sua freguezia deve augmentar.

Para esclarecimento, para maior veracidade do que escrevemos, é ver o annuncio.

A' ultima hora

Chegou a esta villa, vindo de Aveiro, na terça-feira passada, aonde foi fazer exame d'admissão aos lyceus, o nosso querido amigo Abel de Pinho, ficando approvedo.

Da nossa parte, mil felicitações.

CHRONICA

As procissões da Semana Santa foram-se, a festa da Paschoa tambem, a noite do theatro igualmente. Estou triste. Gosei n'aquelles dias até não querer mais e por fim cahí n'uma monotonia sem igual.

Que pena não haver festas e procissões todos os dias!... Que pena!...

Na Igreja, na sexta-feira (ai, na Igreja o que eu vi!) Na Igreja... na Igreja... vi olhos tão lindos, vi fazenda fina, muito fina. Dizes tu, leitor: «E o proveito? Contentaste-te só em *ver*, não é assim?» Não; vi e... *ella* viu-me!

Ella, a visão dos meus sonhos d'amor, *ella* que mal me conhecia e que eu mal a conhecia tambem, *ella* emfim a primeira fada que se pôde vangloriar de me ter *infetigado*, com os olhos, com tudo, com tudo!... E não lhe poder eu dizer: Dás-me um logar no teu puro coração, virgem seductora? Como é triste amar, sem saber, sem ter a certeza de que tambem se é amado! Eis o que me succede. Na procissão de sexta-feira, lá ia *ella*, tão bem vestidinha, tão linda, de lenço de seda amarellado, de chale, etc., etc. (Não digo mais para ninguem a adivinhar.) Iam lá muitos chales,

muitos lenços amarellados: não podem adivinhar; desconfiar sim, isso até eu.

E depois... e depois aquelles cruzar d'olhos entre mim e *ella*, os meus sinceros e os d'*ella*... não sei... no largo de S. Pedro...

Não; não digo mais nada porque posso *escorregar*. Sou franco, vou-te ser franco, leitor; eu, verdade, verdade; julgava-me possuidor d'um coração finissimo, havia dois annos. Não sei os *porquês*, mas é certo e está provado que esse coração de que te fallo indispôz-se commigo. Eu, innocente, estranhei aquella indisposição, porém... permaneci sempre impassivel a tudo aquillo. Ha um dictado que diz «que o diabo as tece». Não, não sei como, vem-me a menina do coração *indisposto* com esta, no sabbado da alleluia: «Estão d'ora ávante cortadas, *para sempre*, as nossas relações amorosas.»

—Porquê?—perguntei attonito e aturdido.

—Por nada...

Avalia, avalia se podes, leitor, a dôr que senti; imagina com a cara que eu e tu ficaríamos ao receber em *cheio* e inesperadamente uma *pedrada* d'estas.

Muito bem. Fui para casa, lembrando-me cada vez mais, da *fada* da Igreja e... escrevi á ingrata *indisposta*. Terminava assim a missiva:

Ai, triste, bem triste de quem ama.

Ai, triste de mim por que... te ame!

Jayme.

Constou-me depois que chorára muito, mas que mesmo assim, foi entregando o seu coração a *outro*. Pois eu fiz o mesmo. Resta-me saber se *ella*, a tal da Igreja, m'o aceita. Isso agora é lá com *ella*.

Nada mais por hoje. Na quinta-feira proxima te darei pormenores.

Quem quizer, porém, saber quem é *ella*, pergunte ao Freire de Liz, ao escrevente.

Jayme.

Villa da Feira, 18 d'abril

Meus caros:

São 3 horas da tarde. No largo da Praça d'esta villa acabam de parar 8 carros, isto é, *char-à bancs, coupets, victorias, etc.* A curiosidade da visuihança fronteira, curiosidade já esperada, desperta agora, pelo *barulho* dos estudantes d'Ovar (*barulho* amigavel e alegre, já se vê!). A *troupe* «Ovarense» que dará na noite d'este dia um espectáculo no theatro da Feira, passeia; a rapaziada que a acompanhou, segue-a na frente, servtudo de *guarda avançada*, e eu tambem vou na onda. Ha grande animação e espera-se uma noite cheia. Oxalá.

O espectáculo começou ás 8 e meia. O theatro estava repleto de tudo quanto havia de mais distincto na villa. Não faço, nem devo dizer a apreciação dos amadores da récita; pareceu-me porém, que tudo correu como se devia esperar. dizer só isto é pouco; dizer mais, teria loucura, porque quem escreve estas linhas faz parte, não da *troupe*, mas dos rapazes d'Ovar e, fóra da terra elogiar os seus é... é tolice. Ficarei pois por aqui. Em todo o caso isto não quer dizer que eu permaneça de todo impassivel. Estou e tenho jús a fallar dos feirenses, sob este ponto de vista, isto é, sobre a maneira como os

ovarenses foram recebidos. Não me salientarei n'isto; porém, posso dizer que da parte dos feirenses devia partir uma recepção mais animada.

Os ovarenses foram recebidos tão friamente... Emfim...

Não digo mais nada para não avançar em questinculas desnecessarias.

A flôr da Feira, que assistiu ao espectáculo, a plateia emfim, hade permittir que lhe diga, sem o mais leve intuito de offensa, que foi, e pelo que vi, é muito exigente, muito. A meu vêr, tantas exigencias, tantos escrúpulos, e tanta frieza, são inadmissiveis em plateias de provincias, como a da Feira é. Afastando para muito longe de mim a ideia de querer elogiar a *troupe* «Ovarense» e desprestigiar os feirenses, temos a franqueza de dizer, convictissimos, que a plateia d'esta villa não se portou á altura...

Franqueza, muita franqueza: só vi n'este theatro, muito *aplomb*, muito luxo, e muitas pretensões...

A plateia feirense quiz mostrar, pela sua *sisudez*, que era uma *apreciadora* sem igual.

Enganou-se! Bom seria que todos se conhecessem... E' de fé minha que as pretensões d'esta villa, do *bouquet* d'esta villa, são exaggeradissimas.

Não ha nada mais triste n'esta vida do que nós querermos ser tão altos, e afinal nunca passar da realidade além: somos pequeninos, muito pequeninos...

*

Partiu a *troupe* para Ovar, seriam 2 horas, acompanhada da *guarda avançada* e da orchestra do sr. Valseiro, que tocou n'este theatro, agradando muito.

Ao menos, graças a Deus, a musica foi bem recebida.

Xavier.

SECÇÃO CHARADISTICA

Decifrações do numero antecedente:

- Virgula.
- Sino.
- Secia.
- America.
- Espeque.
- Pereira.
- Cardia.
- Cabrito.

LOGOGRIPOS

RETRIBUIÇÃO AO AMIGO NOVATO

Não ceda este a ninguem—3-6-5-2
Nem esta deixe perder—4-6-5-4
O amigo... é charadista,
Vae o logogripho morrer.

*

- Nome de mulher—7-3-4-1-2
- Nome de mulher—4-6-7-3-4-5-7
- Nome de mulher—1-2-4-4-3-4-7
- Nome de mulher—7-4-6-7
- Nome de mulher—6-4-5-7
- Nome de mulher—6-7-3-4-3-7
- Nome de mulher—3-4-7
- Nome de mulher—7-6-2-3-4-7
- Nome de mulher—7-5-5-7-3-4-7
- Nome de mulher—1-7-5-6-4-6-7
- Nome de mulher—7-3-1-4-5-7
- Nome de mulher—3-4-5-7
- Nome de mulher—7-5-5-7
- Nome de mulher—7-6-2-3-4-5-7

K. Patão.

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(2.^a PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de 30 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, para deduzirem os seus direitos no inventario orphanologico a que se procede por obito de Antonio de Sá Pinto Junior, morador, que foi, no logar da Ordem, freguezia de Maceda, d'esta comarca, nos termos do § 4.^o do artigo 696 do Código de Processo Civil.

Ovar, 2 d'abril de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysio Ferraz de Abreu. (13)

EDITOS

(3.^a PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de 60 e 30 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando, pelos primeiros, os interessados Manoel Antonio da Silva Cassemes, e Bento Antonio da Silva, solteiros, ausentes na Republica dos Estados-Unidos do Brazil; e pelos segundos, os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, para, no inventario orphanologico a que se procede por obito de João Antonio da Silva, viuvo, morador, que foi, no logar de Terreiro, freguezia de S. Vicente, d'esta comarca, cumprirem com o disposto nos §§ 3.^o e 4.^o do artigo 696 do Código de Processo Civil.

Ovar, 30 de março de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysio Ferraz de Abreu. (11)

Arrematação

(3.^a PUBLICAÇÃO)

No domingo, 24 do corrente, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca sito na Praça, d'esta villa, hão de ser postos em praça para serem arrematados por quem mais offerecer sobre o preço da respectiva avaliação, os bens abaixo mencionados, penhorados aos executados Antonio Marques Cantinho e mulher, do Cantinho, de Cortegaça, na execução de conciliação que a estes move Manoel Pinto Fernandes Romeira, viuvo, do logar de Castanheiros, freguezia d'Esmoris, todos d'esta comarca, a saber—duas terças partes de uma propriedade de matto e pinhal, denominada a Cruz, sita no logar dos Paços, que toda confronta do norte com Francisco José da Silva e outros, sul com a viuva de José Alves Fardilha, e poente com caminho, avaliadas as duas terças partes em 490,500 réis—Uma leira de terra lavradia, denominada o Rodello, sita no logar d'Aldeia, que confina do norte com José Marques da Costa e outros, sul com Manoel José Marques d'Oliveira, nascente com a linha ferrea e poente com Manoel Alves Fardilha, avaliada em 45,500 réis—Um palheiro ou caza de madeira, sita na costa do mar de Cortegaça, que parte do norte, nascente e poente com as areias e sul com Antonio Rodrigues dos Santos, avaliado em 50,500 réis—Uma propriedade de terra lavradia, denominada a Rossada, sita no logar de Cortegacinhas, que confronta do norte com os herdeiros de José Marques dos Santos, sul com Antonio da Costa e Silva, nascente com caminho de servidão e poente com o rio, avaliada em 170,500 réis.—O dominio directo que consiste em 17,480 de milho, e igual medida de centeio, e um quarto d'um frango, imposto em uma leira de terra lavradia e matto, sita no logar d'Aldeia, de Cortegaça, predio e dominio util pertencente a Anna d'Oliveira Dias, separada judicialmente de seu marido Domingos Alves Fardilha, avaliado em 20,500 réis; todos estes predios, são sitios em Cortegaça.

Participa ao respeitavel publico e a seus illustres freguezes, que principia no dia 23 do corrente, a vender no seu acreditado estabelecimento de carnes verdes de gado bovino, carne de primeira qualidade a 130 réis o arratel, kilo 280; de segunda, lombo e assen a 110 réis o arratel, kilo 240; de terceira, peito, aba e outras carnes a 100 réis o arratel, kilo 220. Prezume sempre em abater o melhor gado.

Para a arrematação são citados os credores incertos.

Ovar, 3 d'abril de 1892.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Frederico Ernesto Camarinha Advogado. (12)

CASA

Vende-se na rua do Pinheiro uma pertencente a D. Julia E. Dias de Lima. Tem quintal e poço.

TALHO

DE

João Antonio Lopes

Participa ao respeitavel publico e a seus illustres freguezes, que principia no dia 23 do corrente, a vender no seu acreditado estabelecimento de carnes verdes de gado bovino, carne de primeira qualidade a 130 réis o arratel, kilo 280; de segunda, lombo e assen a 110 réis o arratel, kilo 240; de terceira, peito, aba e outras carnes a 100 réis o arratel, kilo 220. Prezume sempre em abater o melhor gado.

AVISO

AO

PUBLICO

Arnaldo Augusto da Silva Moura participa ao respeitavel publico em geral e aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir um atelier de alfaiate, no largo da Praça, n.^{os} 35 e 36, Ovar, no qual se fazem fatos promptos a vestir de magnificas fazendas, desde o preço de 4,500 até 20,500 réis; assim como se encontra um grande e variado sortimento de fatos feitos tanto para homem como para creança.

No mesmo estabelecimento se faz um fato completo em 12 horas, responsabilizando-se pelo bom trabalho e boas fazendas, tendo para isso um pessoal habilitado.

Preços extremamente baratos para adquirir freguezia.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

Cynismo, scepticismo e crença, Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.^a edição) 300
Os homens que riem, (do mesmo auctor), comedia em 3 actos 400
Homens e feras, (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos 400
Os viscondes d'Algirão, (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros 400
O poder do ouro, por Dias Guimarães, drama em 4 actos 500
Morgadinha de Val d'Amores, por Camillo Castello Branco, comedia em 3 actos 400
O Condemnado, (do mesmo auctor) drama em 3 actos e 4 quadros 400
Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores, (do mesmo auctor) 400
A Judia, por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos 400
Magdalena, (do mesmo auctor), drama em 4 actos 400
Helena, (do mesmo auctor), comedia em 5 actos 400
No palco (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume 400
O sargento-mór de Villar, por Augusto Garraio, drama em 5 actos e 6 quadros, extrahido do romance de igual titulo, de Arnaldo Gama 360
Os tripeiros, (do mesmo auctor), chronica do seculo XIV, drama historico de grande espectáculo em 5 actos, baseado no romance do mesmo titulo do fallecido escriptor C. Louzada 300
Henriqueta, a aventureira, (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principais scenas do drama 400

A falsa adulltera, por Julio Gama, drama em 5 actos e 6 quadros, traducção 300
Dá cá os suspensorios, (do mesmo auctor), comedia em um acto 100
Villão, o fugitivo da cadeia do Porto, (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos 200
Ambos livres, por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto 100
Os homens de bem, por Antonio Correia, drama original em 5 actos 300
Tribulações d'um marido, por João Coutinho Junior, scena comica original 100
O Porto escorrega lan'ol (do mesmo auctor), scena comica original 100
O homem põe (do mesmo auctor.) quiprójuo em 2 actos 160
O testamento azul, por Jayme Venancio, zarzuella em 3 actos, traducção livre 300
O processo do Rasga, parodia ao *Processo do Cancan*, (do mesmo auctor,) opereta comica e burlesca em 2 actos e 3 quadros 300
O casamento do Rasga, continuação ao *Processo do Rasga*. (do mesmo auctor) 200
Quatro devotos de Baccho, (do mesmo auctor), parodia á opera burlesca de Offenbak *Grã-Duquesa de Gerolstein* 60
O 100, (do mesmo auctor), scena comica original, ornada de musica 60
Lamentações d'um andador, (do mesmo auctor), scena comica original 60
O captivo, (do mesmo auctor), canção original 50
O casamento da confeitaria, (do mesmo auctor), comedia em 1 acto, ornada de musica 200
Os apóstolos do mal, por Agostinho Albano, drama em 5 actos, 8 quadros e 1 prologo (traducção) 400
O prompto allivio, por M. Fernandes Reis, comedia em 1 acto 100
Os espelhos de D. Maria Avó, por F. Assis Pinheiro, comedia em 1 acto 100

N'esta officina, imprime-se todo e qualquer trabalho typographico com a maior rapidez e perfeição possivel. Fabricam-se carimbos de borracha.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRESSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77